

CARTA PASTORAL

2018 ANO DO LAICATO

DOM TARCÍSIO SCARAMUSSA, SDB



Diocese de Santos

DIÓCESE DE SANTOS

Carta Pastoral para o Ano do Laicato
Dom Tarcísio Scaramussa, SDB
Bispo Diocesano de Santos
Santos, Quaresma de 2018

...

Cúria Diocesana de Santos
Av. Conselheiro Rodrigues Alves, 254 - Macuco - Santos - SP
(13) 3228-8888
www.diocesedesantos.com.br
[facebook/diocesedesantos](https://www.facebook.com/diocesedesantos)

...

Capa: Cartaz para o Ano do Laicato / CNBB
Diagramação: Assessoria de Comunicação da Diocese de Santos


SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS	4
INTRODUÇÃO	5
1 - CONFIGURADOS A CRISTO: TEOLOGIA E ESPIRITUALIDADE DO LAICATO	6
2 - CONTINUANDO A MISSÃO DE JESUS.....	9
3 - O APOSTOLADO DOS LEIGOS.....	13
4 - A MESSE É GRANDE: OS CAMPOS DO APOSTOLADO.....	17
4.1 – Testemunho do evangelho no dia a dia	17
4.2 – Ambientes específicos de apostolado.....	18
5 - A FORMAÇÃO E A ANIMAÇÃO	20
6 - MARIA, MÃE E MESTRA DO DISCÍPULO MISSIONÁRIO.....	22
ORAÇÃO PARA O ANO NACIONAL DO LAICATO.....	24

*2018*



LISTA DE SIGLAS

- AA – Apostolicam Actuositatem, Decreto sobre o apostolado dos leigos, Concílio Vaticano II
- Doc. 105 CNBB – Documento 105 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, “Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na Sociedade – Sal da Terra e Luz do Mundo (Mt 5,13-14)”
- DAp – Documento de Aparecida, V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe
- DGAE – Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora do Brasil, CNBB
- DPb – Documento de Puebla, III Conferência do Episcopado Latino Americano
- EG – Evangelii Gaudium, Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, Papa Francisco
- EN – Evangelii Nuntiandi, Exortação Apostólica sobre a evangelização, Paulo VI
- LG – Lumen Gentium, Constituição Dogmática sobre a Igreja, do Concílio Vaticano II
- PDE – Plano Diocesano de Evangelização 2016-2019, Diocese de Santos

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

SALES, São Francisco de. Filoteia: *Introdução a Vida Devota*. Petrópolis - RJ, 2013.

LEIGOS CRISTÃOS: DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS DA ALEGRIA DO EVANGELHO

Caros irmãos e irmãs em Cristo Jesus!



Após o acontecimento de Pentecostes, um grande vigor missionário se manifestou na Igreja. E não cessou mais. Até os dias de hoje, o Evangelho continua sendo anunciado e testemunhado por toda parte. Os Atos dos Apóstolos e os outros livros do Novo Testamento relatam as ações e as reflexões do primeiro momento da história da evangelização.

Esta história continuou a ser escrita com a vida de milhões de discípulos de Jesus, deixando uma rica herança de Tradição de fé da Igreja, confirmando a autenticidade do Evangelho vivido no testemunho de tantos cristãos, muitos mártires e santos.

O Espírito que sempre conduziu a Igreja não dorme em nossos tempos. Por isso, esta realidade de evangelização, levando a salvação do Senhor a todos, continua viva e presente nos dias atuais, pelo testemunho e pregação de cristãos, ministros ordenados, religiosos, leigos e leigas.

Esta consciência missionária vem crescendo, de modo particular a partir do Concílio Vaticano II (1962-1965). Nos dias atuais recebeu novo impulso com a entusiasmante Exortação Apostólica do Papa Francisco “A Alegria do Evangelho”. Nesta, o Papa ressalta o desafio da participação dos leigos na missão da Igreja: “A imensa maioria do povo de Deus é constituída por leigos. Ao seu serviço, está uma minoria: os ministros

ordenados. Cresceu a consciência da identidade e da missão dos leigos na Igreja. Embora não suficiente, pode-se contar com um numeroso laicato, dotado de um arraigado sentido de comunidade e uma grande fidelidade ao compromisso da caridade, da catequese, da celebração da fé. Mas, a tomada de consciência desta responsabilidade laical que nasce do Batismo e da Confirmação não se manifesta de igual modo em toda a parte; nalguns casos, porque não se formaram para assumir responsabilidades importantes, noutros por não encontrar espaço nas suas Igrejas particulares para poderem exprimir-se e agir por causa dum excessivo clericalismo que os mantém à margem das decisões. Apesar de se notar uma maior participação de muitos nos ministérios laicais, este compromisso não se reflete na penetração dos valores cristãos no mundo social, político e econômico; limita-se muitas vezes às tarefas no seio da Igreja, sem um empenhamento real pela aplicação do Evangelho na transformação da sociedade. A formação dos leigos e a evangelização das categorias profissionais e intelectuais constituem um importante desafio pastoral” (EG, 102).

Neste Ano do Laicato, desejo oferecer esta Carta como um reconhecimento do valor dos cristãos leigos e leigas, e para incentivá-los a assumirem com maior ardor pastoral e qualificação a missão que lhes é confiada pelo Senhor na construção de seu Reino.

1

CONFIGURADOS A CRISTO: TEOLOGIA E ESPIRITUALIDADE DO LAICATO

“Irmãos, cuidai cada vez mais de confirmar a vossa vocação e eleição” (2 Pd 1,10)

Cristo continua a dizer-nos: “Não fostes vós que me escolhestes; fui eu que vos escolhi e vos designei, para dardes fruto e para que o vosso fruto permaneça” (Jo 15,16).

Os leigos são cristãos membros do Povo de Deus incorporados a Cristo pelo Batismo. A resposta a esta graça e vocação deve ser dada

continuamente, procurando configurar sempre mais a própria vida a Cristo. Isto significa identificar-se com ele e crescer nesta união a ponto de poder dizer como São Paulo: “Eu vivo, mas não eu: é Cristo que vive em mim. Minha vida atual na carne, eu a vivo na fé, crendo no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim” (Gal 2,20).

Os leigos participam, em sua condição, do múnus sacerdotal, profético e real de Cristo e realizam, na Igreja e no mundo, a missão do povo cristão.

Para que esta consciência cresça nos fiéis de nossa Igreja, é preciso levar novamente a este encontro com Cristo, para refazer o encanto que faz o discípulo dizer como Simão Pedro: “A quem iremos, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna. Nós cremos firmemente e reconhecemos que tu és o Santo de Deus” (Jo 6,68-69). Mas não bastam palavras, como percebemos nas palavras de Jesus logo após esta declaração, mostrando o paradoxo presente na realidade de pecado em nossa vida: “Não vos escolhi a vós, os Doze? Contudo, um de vós é um diabo!” Ele falava de Judas, filho de Simão Iscariotes, pois este, um dos Doze, iria entregá-lo” (Jo 6, 70-71).

O encontro pessoal com o amor de Jesus que nos salva, a experiência de sermos salvos por Ele, é o que nos leva a amá-Lo sempre mais e a nos engajarmos na construção do Reino de Deus. É a experiência que levou João, que se intitulava “o discípulo que Jesus amava”, a dizer: “o que nós vimos e ouvimos, isso anunciamos” (1 Jo 1,3).

A contemplação do mistério de Cristo nos humaniza, porque ele veio ao nosso encontro e se encarnou, assumindo a nossa natureza. Portanto, nós vivenciamos sua graça e presença na realidade da vida e da história, no encontro com as pessoas, principalmente nos mais pobres e sofredores.

Em nosso Plano Diocesano de Evangelização, nos propusemos a “recuperar o espírito contemplativo que favoreça a intimidade do discípulo missionário com o Mestre Jesus, em meio ao barulho, ao excesso de informações, à correria do dia a dia, à luta diária pela sobrevivência,

para que se aprofunde a consciência do ser batizado, fonte do discipulado missionário” (PDE, Programa 1, Projeto 6).

A configuração a Cristo vai crescendo com a oração e o trabalho, nos lembra o Papa Francisco: “É preciso cultivar sempre um espaço interior que dê sentido cristão ao compromisso e à atividade. Sem momentos prolongados de adoração, de encontro orante com a Palavra, de diálogo sincero com o Senhor, as tarefas facilmente se esvaziam de significado, quebrantamo-nos com o cansaço e as dificuldades, e o ardor apaga-se. A Igreja não pode dispensar o pulmão da oração, e alegra-me imenso que se multipliquem, em todas as instituições eclesiais, os grupos de oração, de intercessão, de leitura orante da Palavra, as adorações perpétuas da Eucaristia. Ao mesmo tempo, ‘há que rejeitar a tentação duma espiritualidade intimista e individualista, que dificilmente se coaduna com as exigências da caridade, com a lógica da encarnação’. Há o risco de que alguns momentos de oração se tornem uma desculpa para evitar de dedicar a vida à missão, porque a privatização do estilo de vida pode levar os cristãos a refugiarem-se nalguma falsa espiritualidade” (EG, 262).

O Papa está indicando que o Batismo é um dom pessoal da salvação de Deus para cada um, mas que nos insere no corpo místico de Cristo, na Igreja, no povo de Deus. A vocação batismal é, portanto, uma vocação comunitária. Mas há muitos batizados em nossa Igreja que não foram iniciados à vida de fé, por isso, precisam ser ajudados a refazerem um caminho de verdadeiros discípulos do Senhor.

Nos dias atuais acontece, às vezes, que as pessoas digam: “Eu vivo a religião do meu jeito! Não preciso ir à igreja para falar com Deus! Sou católico, mas não sou praticante”! Isto pode ser mais uma manifestação do individualismo que marca a cultura atual, e que é fruto do processo de secularismo que tende a reduzir a fé e a Igreja ao âmbito particular do indivíduo. Nesta linha, observamos também a proliferação de movimentos religiosos de todo tipo, alguns até bastante estranhos. Analisando o fenômeno, o Papa Francisco diz que “isto, por um lado, é o resulta-

do duma reação humana contra a sociedade materialista, consumista e individualista e, por outro, um aproveitamento das carências da população que vive nas periferias e zonas pobres, sobrevive no meio de grandes preocupações humanas e procura soluções imediatas para as suas necessidades. Estes movimentos religiosos, que se caracterizam pela sua penetração subtil, vêm colmar, dentro do individualismo reinante, um vazio deixado pelo racionalismo secularista. Além disso, é necessário reconhecer que, se uma parte do nosso povo batizado não sente a sua pertença à Igreja, isso deve-se também à existência de estruturas com clima pouco acolhedor nalgumas das nossas paróquias e comunidades, ou à atitude burocrática com que se dá resposta aos problemas, simples ou complexos, da vida dos nossos povos. Em muitas partes, predomina o aspecto administrativo sobre o pastoral, bem como uma sacramentalização sem outras formas de evangelização” (EG, n. 63).

Como parte do encantamento com Cristo, somos chamados a experimentar o que o Papa chama de “prazer espiritual de ser povo”, “prazer espiritual de estar próximo da vida das pessoas, até chegar a descobrir que isto se torna fonte duma alegria superior” (EG, 268).

2

CONTINUANDO A MISSÃO DE JESUS

*“Eu vim para que tenham vida,
e a tenham em abundância” (Jo 10,10).*



A experiência do encontro com Cristo prepara o discípulo para a missão. Mas é necessário também que alguém conduza as pessoas a este encontro.

No início do Evangelho segundo João há a narrativa do chamado dos primeiros discípulos de Jesus e da experiência que eles precisavam fazer. João Batista apresenta dois de seus discípulos a Jesus, dizendo: “Eis o Cordeiro de Deus”!

Ouvindo isto, eles passaram a seguir Jesus. Um deles se chamava André. O outro, não mencionado, deve ser o discípulo João! Vendo que o seguiam, Jesus lhes pergunta: “Que procurais”? Eles queriam saber onde Jesus morava. “Vinde e vede”, disse-lhes Jesus, convidando-os a conhecê-lo intimamente. Depois André apresenta a Jesus seu irmão Simão Pedro. Na Galileia, Jesus chama diretamente a Filipe. Este, por sua vez, apresenta Natanael a Jesus.

Na convivência com Jesus Cristo os discípulos foram sendo iniciados no Evangelho e formados para continuar a sua missão. Foi um caminho longo, mas Jesus foi paciente com eles em suas limitações, pois eles, às vezes, tinham cabeça dura: “Como sois sem inteligência e lentos para crer em tudo o que os profetas falaram” (Lc 24,25)! Sem esta experiência do “vinde e vede”, do caminhar com Jesus, não é possível realizar um caminho de discipulado e de consciência da missão.

De maneira muito simples, o Papa Francisco fala desta realidade: “Toda a vida de Jesus, a sua forma de tratar os pobres, os seus gestos, a sua coerência, a sua generosidade simples e cotidiana e, finalmente, a sua total dedicação, tudo é precioso e fala à nossa vida pessoal. Todas as vezes que alguém volta a descobri-lo, convence-se de que é isso mesmo o que os outros precisam, embora não o saibam: ‘Aquele que venerais sem O conhecer, é Esse que eu vos anuncio’ (At 17, 23). Às vezes perdemos o entusiasmo pela missão porque esquecemos que o Evangelho dá resposta às necessidades mais profundas das pessoas, porque todos fomos criados para aquilo que o Evangelho nos propõe: a amizade com Jesus e o amor fraterno” (EG, 265).

O seguimento de Jesus é também exigente. Por isso, nem todos perseveram porque não estão preparados ou não tem coragem de entregar a vida. O evangelista João testemunha, no capítulo sexto, sobre o pão da vida, como “muitos discípulos o abandonaram e não mais andavam com ele” (Jo 6,66). Não deveríamos nos escandalizar com a realidade de muitos que recebem o sacramento e somem! Na verdade, empenhar a vida e assumir compromisso assusta! Jesus previa esta realidade

e alertou a respeito do abandono e do afastamento diante da realidade da renúncia e da cruz: “Quem põe a mão no arado e olha para trás, não está apto para o Reino de Deus” (Lc 9,62).

A missão passa, então, a ser uma paixão por Jesus e pelo seu povo. É um reconhecimento de que Jesus quer que sejamos instrumentos seus para que Ele possa chegar até o seu povo amado.

Torno a citar o Papa Francisco, porque ele recorda como a prática de Jesus nos inspira na continuidade de sua missão: “O próprio Jesus é o modelo desta opção evangelizadora que nos introduz no coração do povo. Como nos faz bem vê-Lo perto de todos! Se falava com alguém, fitava os seus olhos com uma profunda solicitude cheia de amor: ‘Jesus, fitando nele o olhar, sentiu afeição por ele’ (Mc 10, 21). Vemo-Lo disponível ao encontro, quando manda aproximar-se o cego do caminho (cf. Mc 10, 46-52) e quando come e bebe com os pecadores (cf. Mc 2, 16), sem se importar que O chamem de glutão e beberrão (cf. Mt 11, 19). Vemo-Lo disponível, quando deixa uma prostituta ungir-Lhe os pés (cf. Lc 7, 36-50) ou quando recebe, de noite, Nicodemos (cf. Jo 3, 1-15). A entrega de Jesus na cruz é apenas o culminar deste estilo que marcou toda a sua vida. Fascinados por este modelo, queremos inserir-nos a fundo na sociedade, partilhamos a vida com todos, ouvimos as suas preocupações, colaboramos material e espiritualmente nas suas necessidades, alegramo-nos com os que estão alegres, choramos com os que choram e comprometemo-nos na construção de um mundo novo, lado a lado com os outros. Mas não como uma obrigação, nem como um peso que nos desgasta, mas como uma opção pessoal que nos enche de alegria e nos dá uma identidade” (EG, 269).

Os discípulos aprendem com Jesus o caminho do diálogo e da tolerância. O evangelista Lucas narra o episódio da rejeição dos samaritanos que não quiseram receber Jesus porque ele estava indo para Jerusalém. Os discípulos perguntam a Jesus se ele não quer que mandem descer fogo do céu para os destruir! Mas Jesus os repreende (cf. Lc 9,51-56). Quando vieram para prendê-lo, no monte das Oliveiras, os discípulos

sugerem um ataque com espada. Um deles chegou a cortar a orelha do servo do sumo sacerdote. Jesus, porém, ordenou: “Deixai, basta”, e curou a orelha do homem (cf. Lc 22,49-51). Jesus havia pregado a não-violência e o amor aos inimigos, mas os discípulos têm ainda um longo caminho a fazer para transformar este ensinamento em convicção e atitude de vida.

Assim como Jesus enfrentou os desafios de seu tempo, o discípulo de Jesus hoje se defronta com a realidade de um mundo globalizado, e é chamado a “descobrir e discernir os sinais dos tempos, para responder de maneira lúcida e coerente às interrogações de cada geração, às suas angústias e esperanças, alegrias e tristezas. O cristão leigo, como sujeito no mundo, é chamado a agir de forma consciente, responsável, autônoma e livre. Age como sujeito histórico e discípulo missionário, sempre em diálogo e abertura com as culturas e as religiões, com filosofias do tempo e da história humana e com o Magistério da Igreja” (Doc. 105 CNBB, n. 66). O espaço e o objetivo desta Carta não me permitem delongar-me com uma descrição desta realidade, mas recomendo vivamente para aprofundamento e melhor compreensão desta realidade a leitura e meditação dos parágrafos 66 a 90 do documento 105 da CNBB sobre os “Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na Sociedade”. Ali encontramos uma síntese mais aprofundada das bases do mundo globalizado em que vivemos com sua lógica individualista, consumista, excludente, com suas contradições, suas características socioculturais, como também uma indicação das tentações que oferece e dos discernimentos necessários para a Igreja.

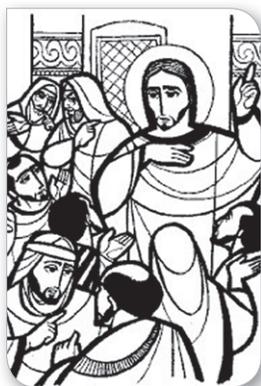
Encarnado nesta história, o discípulo continua a missão de Jesus consciente das dificuldades, mas com a certeza de que não está sozinho. De fato, a missão não é dele, mas do Senhor. Por isso, não lhe faltará a assistência do Espírito Santo e a força do Senhor Ressuscitado. “Jesus Cristo triunfou sobre o pecado e a morte e possui todo o poder. Jesus Cristo vive verdadeiramente. Caso contrário ‘se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação’ (1 Cor 15, 14). Diz-nos o Evangelho que quando os primeiros discípulos saíram a pregar, ‘o Senhor cooperava com eles, con-

afirmando a Palavra' (Mc 16, 20). E o mesmo acontece hoje: somos convidados a descobri-lo, a vivê-lo. Cristo ressuscitado e glorioso é a fonte profunda da nossa esperança, e não nos faltará a sua ajuda para cumprir a missão que nos confia" (EG, 275).

3

O APOSTOLADO DOS LEIGOS

*"Vós sois o sal da terra...
Vós sois a luz do mundo!" (Mt 5,13.14)*



O evangelista Mateus relata que Jesus iniciou sua pregação na Galiléia. Após proclamar as Bem-Aventuranças, que são como uma síntese de todo o Evangelho, ele disse aos discípulos que estavam mais próximos: "Vós sois o sal da terra. Ora, se o sal perde seu sabor, com que se salgará? Não servirá para mais nada, senão para ser jogado fora e pisado pelas pessoas. Vós sois a luz do mundo. Uma cidade construída sobre a montanha não fica escondida. Não se acende uma lâmpada para colocá-la debaixo de uma caixa, mas sim no candelabro, onde ela brilha para todos os que estão em casa. Assim também brilhe a vossa luz diante das pessoas, para que vejam as vossas boas obras e louvem o vosso Pai que está nos céus" (Mt 5,13-16).

As palavras de Jesus deixam claro que a missão não é apenas um encargo confiado por Jesus, mas é uma maneira de ser e assim continuar a presença de Cristo no mundo. Somos sinais e instrumentos do Reino de Deus. Todo batizado tem por vocação ser "sal da terra e luz do mundo"! A pessoa que realmente encontrou a Cristo não se acomoda, mas se engaja na missão.

Os fiéis leigos participam da missão da Igreja com uma responsabilidade específica. De acordo com a Constituição Dogmática do Concílio

Vaticano II *Lumen Gentium*, os leigos, homens e mulheres (cf. LG, 30-38):

- a) Assim como os religiosos e os clérigos, “pelo batismo, foram incorporados a Cristo, constituídos no povo de Deus e a seu modo feitos partícipes do múnus sacerdotal, profético e régio de Cristo, pelo que exercem sua parte na missão de todo o povo cristão na Igreja e no mundo”.
- b) A vocação específica dos leigos é caracterizada pela “índole secular”. “É específico dos leigos, por sua própria vocação, procurar o Reino de Deus exercendo funções temporais e ordenando-as segundo Deus. Vivem no mundo, isto é, em toda e qualquer ocupação e atividade terrena, e nas condições ordinárias da vida familiar e social, com as quais é como que tecida a sua existência. São chamados por Deus para que, aí, exercendo o seu próprio ofício, guiados pelo espírito evangélico, concorram para a santificação do mundo a partir de dentro, como o fermento, e deste modo manifestem Cristo aos outros, antes de mais pelo testemunho da própria vida, pela irradiação da sua fé, esperança e caridade. Portanto, a eles compete especialmente, iluminar e ordenar de tal modo as realidades temporais, a que estão estreitamente ligados, que elas sejam sempre feitas segundo Cristo e progridam e glorifiquem o Criador e Redentor”.

Leigos, religiosos e clérigos todos são chamados, segundo sua índole própria, a participar da missão da Igreja, que tem este objetivo geral no Brasil: “Evangelizar, a partir de Jesus Cristo, na força do Espírito Santo, como Igreja discípula, missionária, profética e misericordiosa, alimentada pela Palavra de Deus e pela Eucaristia, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, para que todos tenham vida, rumo ao Reino Definitivo” (DGAE, p. 7).

São Francisco de Sales ressalta a riqueza dessa diversidade de formas de viver a vida de fé, que ele chamava de “vida devota”: “Na criação, Deus Criador mandou às plantas que cada uma produzisse fruto conforme sua espécie. Do mesmo modo, ele ordenou aos cristãos, plantas vivas de sua Igreja, que produzissem frutos de devoção, cada qual de acordo com sua categoria, estado e vocação. A devoção deve ser

praticada de modos diferentes pelo nobre e pelo operário, pelo servo e pelo príncipe, pela viúva, pela solteira ou pela casada. E isto ainda não basta. A prática da devoção deve adaptar-se às forças, aos trabalhos e aos deveres particulares de cada um... Portanto, onde quer que estejamos, devemos e podemos aspirar à vida perfeita” (Da Introdução à Vida Devota, Parte 1, cap. 3).

A “Igreja em saída”, expressão tão cara ao Papa Francisco, somente será efetiva com o testemunho de fé do laicato e sua participação na missão evangelizadora. O rosto de uma Igreja acolhedora, misericordiosa e missionária vai se tornando mais brilhante à medida em que todos os batizados manifestam a alegria do evangelho que brota do encontro com o Senhor Ressuscitado.

Numa Igreja toda ministerial é hora de aprofundar mais a consciência do valor dos Ministérios Laicais para a realização da missão evangelizadora, e de reconhecê-los e incrementá-los. “A condição do discípulo brota de Jesus Cristo como de sua fonte pela fé e pelo batismo e cresce na Igreja, comunidade onde todos os seus membros adquirem igual dignidade e participam de diversos ministérios e carismas. Deste modo, realiza-se na Igreja a forma própria e específica de viver a santidade baptismal a serviço do Reino de Deus” (DAp 184).

“Todos somos convidados a aceitar este chamado: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” (EG 20), nos anima o Papa Francisco. Esse “todos somos chamados” do Papa indica que, além dos bispos, padres e religiosos, todos os leigos e leigas são chamados e se tornam a principal força da Igreja para alcançar as periferias existenciais. Uma expressão rica desta realidade foi definida assim no documento de Puebla: “Os fiéis leigos são homens da Igreja no coração do mundo, e homens do mundo no coração da Igreja” (DPb, 786).

A reflexão sobre a missão dos Leigos e Leigas na Igreja avançou muito após o Vaticano II. Percebemos também muitos avanços na participação e engajamento nas pastorais, principalmente nas pastorais

intra-eclesiais, como reflexo de uma consciência de participação ativa na comunidade eclesial. Os milhares de leigos catequistas de crianças, jovens e adultos, ministros da Sagrada Comunhão, agentes de pastoral litúrgica, dão visibilidade nítida para esta realidade. E não é necessário mencionar o que acontece quando os leigos não estão envolvidos nas pastorais e movimentos!

Talvez não possamos afirmar os mesmos avanços com relação à consciência, participação e engajamento dos fiéis leigos e leigas como Igreja “no mundo”, na família, nos ambientes não eclesiais, no espaço laico da sociedade, nos ambientes profissionais, nos meios de comunicação, no campo da educação, da cultura, da política, entre outros. A interação fé-vida é um princípio ainda não bem assimilado e vivenciado. A atuação nestas realidades deveria distinguir os fiéis leigos por uma presença que revele um diferencial com relação aos que não são movidos pela fé. Os processos de iniciação à vida cristã, os momentos fortes como o da preparação para a Crisma e de outros sacramentos, devem ser oportunidades para formar o ser deste discípulo consciente de sua missão como Igreja em meio à sociedade. O cristão é fermento, sal e luz transformando o mundo de acordo com o Evangelho.

A missão própria e específica do leigo se realiza no mundo, “de tal modo que, com seu testemunho e sua atividade, eles contribuam para a transformação das realidades e para a criação de estruturas justas segundo os critérios do Evangelho. ‘O espaço próprio de sua atividade evangelizadora é o mundo vasto e complexo da política, da realidade social e da economia, como também o da cultura, das ciências e das artes, da vida internacional, dos ‘mass media’, e outras realidades abertas à evangelização, como são o amor, a família, a educação das crianças e adolescentes, o trabalho profissional e o sofrimento’ (EN, 70). Além disso, eles tem o dever de fazer crível a fé que professam, mostrando a autenticidade e coerência em sua conduta” (DAP, 210).

A coerência evangélica na conduta leva o discípulo de Jesus a anunciar uma boa notícia, a alegria do evangelho, com espírito de abertura e

simpatia, com acolhida fraterna, aprendendo também e não só ensinando, convidando e não condenando, dialogando com todas as pessoas e com todas as instâncias: Estados, sociedade (cultura e ciências), e com os outros crentes não católicos (cf. EG, nn. 238-258).

4

A MESSE É GRANDE: OS CAMPOS DO APOSTOLADO

*“A colheita é grande,
mas os trabalhadores são poucos” (Lc 10,2)*

4.1 – Testemunho do evangelho no dia a dia

O primeiro campo de apostolado dos leigos é o seu dia a dia, no encontro com as pessoas.

Uma senhora me dizia, certa vez: “Sou Igreja em saída! Como não dirijo mais, uso o ônibus. Cumprimento a pessoa ao lado. É o suficiente para iniciar uma conversa. A maior parte do tempo, escuto... As pessoas precisam de alguém que as escute. E digo alguma palavra que ilumine a situação de sua vida com o Evangelho”.

Uma pessoa idosa que gosta de contar histórias pode continuar lançando sementes de valores e de bem que podem germinar no coração das pessoas. Muitas vezes essas histórias são experiências de vida, de outras épocas, talvez, mas que são inspiradoras pelas atitudes e convicções com que foram vividas!

Enfim, pessoas simples, vivendo em situação normal, às vezes fáceis, às vezes difíceis, no dia a dia de sua vida, e que acreditam em Cristo, acolhem o convite para “jogar a rede”.

Na Exortação “A Alegria do Evangelho” o Papa Francisco destaca o valor da atuação missionária “de pessoa a pessoa”: “Hoje que a Igreja deseja viver uma profunda renovação missionária, há uma forma de pregação que nos compete a todos como tarefa diária: é cada um levar o Evangelho às pessoas com quem se encontra, tanto aos mais íntimos

como aos desconhecidos. É a pregação informal que se pode realizar durante uma conversa, e é também a que realiza um missionário quando visita um lar. Ser discípulo significa ter a disposição permanente de levar aos outros o amor de Jesus; e isto sucede espontaneamente em qualquer lugar: na rua, na praça, no trabalho, num caminho” (EG, 127). Deve ser uma forma de anúncio tão vivencial que não se faz com fórmulas preestabelecidas, ou com moralismo, ou como quem faz proselitismo.

4.2 – Ambientes específicos de apostolado

Os leigos participam em tudo da missão da Igreja. Mas são chamados particularmente para a animação cristã da ordem temporal, ou seja, “tornar presente e operante a Igreja naqueles lugares e circunstâncias onde ela só por meio deles pode vir a ser sal da terra. Assim, todo o leigo, por virtude dos dons que recebeu, é testemunha e ao mesmo tempo instrumento vivo da missão da própria Igreja ‘segundo a medida do dom de Cristo’” (LG, 33).

O documento conciliar sobre o apostolado dos leigos, destaca os seguintes campos de atuação: as comunidades eclesiais, a família, os jovens, o ambiente social, a ordem nacional e internacional (cf. AA, nn. 9-14).

O documento 105 da CNBB “Cristãos leigos e leigas na Igreja e na Sociedade”, lembrando a expressão de São João Paulo II na Encíclica *Redemptoris Missio*, ressalta que esses campos hoje são como areópagos modernos, ou seja, espaços abertos de diálogo cultural e de encontro com pessoas “que não tem Jesus Cristo como referência” de vida. Destaca os seguintes campos prioritários, dando indicações de ação para cada um: a família, como areópago primordial; o mundo da política; o mundo das políticas públicas; o mundo do trabalho; o mundo da cultura e da educação; o mundo das comunicações; o cuidado com a nossa Casa Comum; as grandes cidades; as migrações; os refugiados políticos ou de guerra ou de catástrofes naturais; a pobreza; o empenho pela paz; o desenvolvimento e a libertação dos povos, sobretudo o das minorias; a

promoção da mulher e da criança; a força da juventude; as escolas, as universidades; a pesquisa científica; as relações internacionais; o turismo; os militares, entre outros (cf. Doc. 105 CNBB, nn.250-273). Pergunto a vocês, caros irmãos e irmãs: como estão atuando em algum desses campos?

O Programa 5 do nosso Plano Diocesano de Evangelização intitula-se “Igreja a serviço da vida plena para todos”. Neste Programa incluímos treze projetos que visam responder às principais urgências que se apresentam na realidade social de nossa Diocese, como uma expressão do rosto misericordioso de Deus através da ação da Igreja:

- O primeiro deles é a criação do Vicariato para a Dimensão Social da Evangelização, para proporcionar melhor dinamização e articulação em toda a ação social da Igreja. Ao criarmos este Vicariato pensamos também em incrementar e subsidiar a presença do leigo nos espaços organizados da sociedade.
- Outros projetos destacam os principais polos de atenção da realidade social da Baixada Santista, que são campos necessitados de maior cuidado: juventude e universidade, miséria e fome, porto, turismo, terceira idade.
- Finalmente, projetos que deem maior consistência para a ação dos leigos no campo social: formação na doutrina social da Igreja, diálogo a serviço da vida plena na cidade, pastoral da ecologia, pastoral da cidadania, pastoral indígena, acompanhamento das atividades com dependentes químicos.

Nesta linha, recorro novamente à palavra do Papa Francisco para ressaltar que a vida fraterna, a caridade evangélica proposta por Jesus, deve estender-se, para além da dimensão de pessoa a pessoa, a ações que incidem nas estruturas da sociedade, como a política, uma das mais necessitadas de atenção neste momento: “Peço a Deus que cresça o número de políticos capazes de entrar num autêntico diálogo que vise efetivamente sanar as raízes profundas e não a aparência dos males do nosso mundo. A política, tão denegrida, é uma sublime vocação, é uma das formas mais preciosas da caridade, porque busca o bem comum.

Temos de nos convencer que a caridade ‘é o princípio não só das micro-relações estabelecidas entre amigos, na família, no pequeno grupo, mas também das macro-relações como relacionamentos sociais, econômicos, políticos’. Rezo ao Senhor para que nos conceda mais políticos, que tenham verdadeiramente a peito a sociedade, o povo, a vida dos pobres. É indispensável que os governantes e o poder financeiro levantem o olhar e alarguem as suas perspectivas, procurando que haja trabalho digno, instrução e cuidados sanitários para todos os cidadãos. E porque não acudirem a Deus pedindo-Lhe que inspire os seus planos? Estou convencido de que, a partir duma abertura à transcendência, poder-se-ia formar uma nova mentalidade política e econômica que ajudaria a superar a dicotomia absoluta entre a economia e o bem comum social” (EG, 205).

5

A FORMAÇÃO E A ANIMAÇÃO

“Eu sou a videira e meu Pai é o agricultor. Todo ramo que não dá fruto em mim, ele corta; e todo ramo que dá fruto, ele limpa, para que dê mais fruto ainda” (Jo 15,1-2).



A missão é exigente e dinâmica, por isso precisamos buscar aperfeiçoamento constante, assim como um jardim que precisa de cuidado contínuo. Os sacerdotes e diáconos têm um programa organizado de formação, mas nem sempre há um programa para a formação dos leigos para a missão evangelizadora. O Documento de Aparecida lembra que “para cumprir sua missão com responsabilidade pessoal, os leigos necessitam de uma sólida formação doutrinária, pastoral, espiritual e um adequado acompanhamento para darem testemunho de Cristo e dos valores do reino no âmbito da vida social, econômica, política e cultural” (DAP 212).

Todos somos responsáveis pela nossa formação, e devemos buscar

Todos somos responsáveis pela nossa formação, e devemos buscar

o aperfeiçoamento todos os dias. Às vezes há iniciativas de formação, mas nem sempre aproveitamos a oportunidade, e o número de participantes é pequeno. Isso pode contribuir para aquele mal lembrado na Introdução do Documento de Aparecida, citando o Papa Bento XVI: “Nossa maior ameaça é o medíocre pragmatismo da vida cotidiana da Igreja na qual, aparentemente, tudo procede com normalidade, mas na verdade a fé vai se desgastando e degenerando em mesquinhez” (DAP, n. 12).

Tem grande valor formativo os encontros da Comunidade, as celebrações bem preparadas e bem feitas, os círculos bíblicos, os retiros, as oficinas de oração, as palestras e cursos temáticos, as semanas temáticas diocesanas, regionais, paroquiais (Liturgia, Catequese, Bíblia, Família, Juventude, Cidadania, Missionária), o curso de Teologia para Leigos do Instituto São José de Anchieta, a Jornada de Estudos Pastorais para leigos (JEP), as iniciativas de formação sobre o Ensino Social da Igreja, o estudo dos documentos da Igreja sobre os leigos (cf. Doc. 105 CNBB, Exortação Apostólica *Christifideles Laici* – sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo -, o Documento de Aparecida, Documentos do Papa Francisco sobre o Laicato, Documentos do Vaticano II *Lumen Gentium* e *Apostolicam Actuositatem*).

O documento 105 da CNBB ressalta o compromisso da comunidade eclesial, especialmente daqueles que ocupam funções de direção, como primeiros responsáveis pelo processo formativo. Ressalta ainda a necessidade de que esta formação seja integral, e que distinga níveis diferentes (cf. Doc. 105 CNBB, n. 225-238). Conclui lembrando a necessidade de um Projeto Diocesano de Formação, exigência mencionada no documento de Aparecida e nas Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (cf. *Idem*, 239-240). Estamos trabalhando para elaborar este Projeto em nossa Diocese.

Outro aspecto importante a considerar é a necessidade de animar os leigos para uma participação sempre mais consciente e ativa como sujeito na vida e na missão da Igreja. A presença e a participação dos

leigos devem ser efetivas também nos diversos organismos e atividades, “como nos processos de planejamento, decisão e execução da vida eclesial e da ação pastoral por meio das assembleias paroquiais, diocesanas, regionais e nacionais, e dos conselhos pastorais, econômico-administrativos, missionários e outros” (Doc. 105 CNBB, n. 274b).

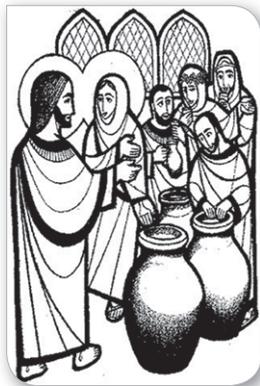
Enfim, cabe ressaltar as inúmeras formas de organização e de associação leigas, como o Conselho Diocesano de Leigos (CODILEI), os movimentos apostólicos eclesiais e os caminhos de formação cristã, as novas comunidades, que são expressões de iniciativa dos leigos que se reconhecem verdadeiramente como sujeitos da vida e da missão da Igreja.

A comemoração do Dia do Leigo, na Festa de Cristo Rei, é um momento anual importante para a valorização da missão dos leigos, realizada em clima de fé, renovando o compromisso para a construção do Reino de Deus. Esta festa, já consagrada em nossa Igreja com uma grande concentração celebrativa diocesana, seja celebrada também em cada comunidade com o destaque à missão dos leigos, protagonistas do Reino de Deus no mundo.

6

MARIA, MÃE E MESTRA DO DISCÍPULO MISSIONÁRIO

“Fazei tudo o que ele nos disser” (Jo 2,5)



A presença de Maria nas bodas de Caná é um belo ícone inspirador para a presença e a atuação do leigo nas realidades cotidianas da vida.

Maria está presente, não apenas usufruindo da festa, mas participando com uma atenção comprometida para que a festa aconteça da melhor forma possível. Quando acaba o vinho, talvez alguns tivessem começado a reclamar ou humilhar os anfitriões. Bem diferente foi a atitude de Maria, que procurou imediatamente a Jesus para que resolvesse

essa situação crítica. E tudo se resolveu com sua sábia orientação: “Fazei tudo o que ele vos disser”.

O Papa Francisco, numa de suas audiências gerais na Praça de São Pedro, em 08 de junho de 2016, após saudar um grupo de casais que completavam 50 anos de matrimônio, concluiu assim sua catequese: “As bodas de Caná são muito mais do que a simples narrativa do primeiro milagre de Jesus. Como um cofre, Ele guarda o segredo da sua pessoa e o objetivo da sua vinda: o Esposo esperado dá início às bodas que se cumprem no Mistério pascal. Nestas bodas Jesus liga a si os seus discípulos com uma nova e definitiva Aliança. Em Caná os discípulos de Jesus tornam-se a sua família e nasce a fé da Igreja. Àquelas bodas todos nós somos convidados, para que o vinho novo não volte a faltar”.

“Fazei tudo o que ele vos disser” foram as últimas palavras de Maria relatadas no evangelho. Sejam as primeiras e constantes palavras de cada discípulo de Jesus.

Sob a proteção de Maria, Senhora do Rosário, colocamos nossa Igreja de Santos, em particular os fiéis leigos e leigas, para que, imersos no mistério de Cristo, sejamos “sal da terra e luz do mundo”.

Um forte abraço a todos, na comunhão do corpo místico de Cristo.

Santos, 18 de fevereiro de 2018
Primeiro Domingo da Quaresma

Dom Tarcísio Scaramussa, SDB
Bispo Diocesano de Santos



ORAÇÃO PARA O ANO NACIONAL DO LAICATO

Ó Trindade Santa, Amor pleno e eterno,
que estabeleceste a Igreja como Vossa “imagem terrena”:
Nós Vos agradecemos pelos dons, carismas,
vocações, ministérios e serviços
que todos os membros de Vosso povo realizam
como “Igreja em saída”, para o bem comum,
a missão evangelizadora e a transformação social,
no caminho de Vosso Reino.

Nós Vos louvamos pela presença e organização
dos cristãos leigos e leigas no Brasil,
sujeitos eclesiais, testemunhas de fé,
santidade e ação transformadora.

Nós Vos pedimos que todos os batizados
atuem como sal da terra e luz do mundo:
na família, no trabalho, na política e na economia,
nas ciências e nas artes, na educação,
na cultura e nos meios de comunicação;
na cidade, no campo e em todo o planeta,
nossa “casa comum”.

Nós Vos rogamos que todos contribuam
para que os cristãos leigos e leigas
compreendam sua vocação e identidade,
espiritualidade e missão,
e atuem de forma organizada na Igreja e na sociedade,
à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres.
Isto Vos suplicamos pela intercessão da Sagrada Família,
Jesus, Maria e José, modelos para todos os cristãos.
Amém!